

MURICY, Andrade. Centenário de 'Il Guarany' no Rio. (Música).  
In: O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 15 dez. 1970.

## CENTENÁRIO DE 'IL GUARANY' NO RIO

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029903

Um dos melhores discípulos de Castro Alves, o condoreiro gaúcho Carlos Ferreira, poeta, então muito admirado, das **Rosas Loucas**, em carta publicada em 1896, narra: "Como sabes, estive presente a essa festa inolvidável (a primeira execução de **Il Guarany** no Rio de Janeiro — 2-12-1870), por sinal que recitei uns versos vertiginosos, cujo original (perdoa-me a imodéstia) mereceu a honra de ser conduzido até ao camarote imperial... por pedido do Imperador, e, do mesmo modo, por pedido do famoso maestro, até ao camarim do palco em que ele permanecia, procurando subtrair-se à tempestade dos aplausos que caíam sobre a sua frente inspirada.

Esplêndida noite essa! Noite de ofuscadora glória para o insigne compositor, e de estrondoso delírio patriótico para o público...

Guardo ainda na imaginação toda a grandeza daquela comovedora cena, em que um povo inteiro soube render, ao maior talento artístico de nossa pátria, a mais franca e entusiástica homenagem!...

O teatro era o célebre Lírico, o **Provisório** (o qual, por ser "provisório", durou dezenas de anos...), um esquisito barracão, muito grande, pintado de amarelo e pôsto lá num ângulo do amplo Campo de Sant'Anna..."

E, detidamente, descreve o ambiente febricitante da sala, o brilho social da platéia, as casacas e os agitados leques, a presença da família imperial; e ainda isto: "Em um camarote, junto à boca do palco, na primeira ordem, via-se, ao lado de umas damas esplêndidas, um homem muito encolhido, com um ar notavelmente modesto e doentio, de barbas grisalhas, pálido, olhando, como que a custo, através de um óculos de aro de ouro. Para este homem convergiam, curiosos, todos os olhares da platéia, enquanto não subia o pano; mas ele nem parecia dar por isso..."

Era o conselheiro José de Alencar, o festejado autor do célebre romance donde o insigne maestro fizera extrair o **Libreto** para essa ópera, que tão luminoso caminho lhe abriu para a posteridade..."

"E o Imperador, em pé, no camarote, ostentando a sua notável e austera figura, sorri... sorri sempre, triunfante e alegre, como bom brasileiro que é, e amigo do artista."

"... o monarca saúda-o, aperta-lhe a mão, e põe-lhe ao peito uma comenda... e abraça-o, diante do público maravilhado, que prorrompe em bravos, palmas, vivas, hosiannas aos dois homens."

"... como remate, a apoteose final: uma chuva d'óiro sobre a cabeça gloriosa do maestro; pombos, canários e outros graciosos pássaros arremessados ao proscênio. Depois, mais umas vinte ou trinta chamadas consecutivas ao

glorioso artista, que, suando, sem fôlego, quase desmaiado, é conduzido dali, em braços dos amigos e do público, para a sua residência, ao clarão imenso da lua e dos fogos multicores, ao estourar de milhões de foguetes, acompanhado de umas seis bandas de música e de uma gritaria que reboava por quase toda a extensão da grande capital."

No intervalo entre o 2.º e o 3.º atos, emissários da cidade natal do compositor, Campinas, oferecem-lhe uma medalha de ouro; poetas, como Luís Guimarães Júnior, Bittencourt Sampaio, recitam poesias encomiásticas. "Falam muitos oradores"... está claro! O poeta romântico chega a esta impressão final: "Reina uma espécie de **sabbat** de duendes na sala."

O salão de visitas e as solenidades sociais durante o Segundo Reinado não se situavam nos palácios imperiais, mas nas platéias e **foyeurs** dos teatros líricos: todas as elegâncias, as jóias, as comendas, **toilettes** e casacas. Os grandes senhores, exclusivos, da cena lírica eram Rossini e Verdi. Os pianistas, nos seus recitais, improvisavam sobre temas das "óperas favoritas", ou executavam **pot-pourris** dos mesmos, da autoria de Thalberg e mesmo Liszt — concessão deste à moda do tempo. A ópera era **tôda a Música** para o grande público, com exclusão quase total das obras exclusivamente instrumentais, sinfônicas ou de câmara; isso, aliás, também na Europa, onde primeiro Berlioz, depois César Franck e Saint-Saëns tiveram de herôicamente reagir. O teatro lírico era tudo.

E eis que um brasileiro, deste obscuro Brasil, somente estudado pelos naturalistas europeus... eis que um brasileiro de Campinas chegava à sua terra aureolado pelo êxito da estréia de **Il Guarany** no Alla Scala, de Milão — a Meca da arte lírica; consagrado por Verdi com uma frase, tão famosa quanto não documentada: "**Questo giovane comincia da dove fin'isco io.**" — o que seria mais generoso do que exato, porquanto Verdi superou-se a si mesmo com **Otelo** e **Falstaff** —, e com uma carta, essa seguramente autêntica, datada de Ferrara, 15 de maio de 1872, em que declara: "**Ho assistito con grande mia soddisfazione all'opera del collega Gomes, e posso affermarle che la medesima è di squisita fattura, e rivelatrice di un'anima ardente, di un vero genio musicale.**"

O que **Il Guarany** tem de sedutor, na sua singeleza — sem dúvida ortodoxamente melodramática e verdiana —, tomou inopinada e legitimamente, e espero que para sempre, a sensibilidade patriótica do moço Brasil. A sua Abertura tem sido considerada como uma espécie de segundo Hino Nacional.